

## ASPECTOS DO FENÔMENO DO CANGAÇO NO NORDESTE BRASILEIRO (III).

(Continuação).

*MARIA CHRISTINA RUSSI DA MATTA MACHADO*

Pós-graduada em História pela Universidade de São Paulo.

### *COMO A SOCIEDADE URBANA NORDESTINA VÊ O CANGAÇO.*

O cangaço foi um fenômeno do sertão. O sertanejo familiarizou-se com o problema porque sentia, no dia-a-dia, todos os reflexos da atuação dos cangaceiros. Todavia, as sociedades urbanas, longe da problemática, não poderiam distinguir as diferenças existentes entre o sertão e as cidades litorâneas. Nas grandes metrópoles, o homem se sentia protegido pelo Estado, com uma organização judicial ao seu alcance.

O homem de Recife, Salvador, João Pessoa, etc., não poderia compreender a existência de indivíduos fazendo justiça com as próprias mãos, grupos armados invadindo pequenos povoados, matando fazendeiros, saqueando habitações ou casas comerciais. Para ele, esses indivíduos não passavam de simples bandoleiros, que atemorizavam o sertão.

“A caça aos bandidos que infelicitam os sertões do nordeste bahiano e dos Estados limitrofes pode, realmente, tardar um pouco, dadas as condições hostis da região que elles frequentemente percorrem, em sanha louca, mas ella é, perfeitamente, colimavel desde que a policia se disponha, como, de certo tempo a esta parte, vem fazendo, a perseguir essas feras humanas que, há alguns annos pertubam a vida dos nordestinos, aniquilando-lhes os haveres e destruindo-lhes as energias, quando não lhes

ceifam a existência, dominados pela sêde inextinguível de sangue” (*Diário de Notícias* de Salvador — Setembro de 1933).

Talvez por medo, os próprios repórteres das capitais nordestinas não se aventuravam a um contacto directo com os grupos de cangaceiros, limitando-se a publicar matérias extraídas de parcas informações vindas do sertão (1).

Essas informações, na maioria das vezes, eram escassas e — sem muito conteúdo — vindas através do telégrafo, que exprimia o fato pura e simplesmente.

Não raro, uma mensagem lacônica se transformava numa grande reportagem. Ocorre, contudo, quem a escrevia era o homem da cidade, incapaz de fazer medida exata das circunstâncias envolvendo o fato.

“Mas, Virgolino Ferreira, ao contrário, à frente de cerca de 50 fascínoras, assombrosamente armados, campeia pelo Nordeste Brasileiro, na mais desabrida liberdade, zombando dos que lhe perseguem. É necessário, pois, que se faça uma guerra tremenda, de carater medonho, a fim de se efectuar a destruição daquella “peste sertaneja”, como o qualificou o nosso collega *A Semana* de Penedo....

É necessário que se combata ferrenhamente este maldito sclerado, este criminoso sem qualitativo e este ladrão ousado. É o coração do Nordeste que clama vingança para seus tremendos crimes....

Elle não é morto, como correu pela nossa Capital a notícia do seu aniquilamento pela coluna Siqueira de Campos (*sic*). Não, agora, mesmo, notícias insóphismaveis e verdadeiras de jornaes do Norte, attestam a existência do terrível bandoleiro que vem descendo, em demanda de Alagoas, passando pela cidade de Triumpho, onde deu mostras de sua brutalidade aterradora.

E vem espalhando a miséria e o crime por onde passa. Cidades outras já se acham avisadas de que elle irá com os seus sequases visitá-los. E, consequentemente, existe, como que um

---

(1). — Benjamin Abraão, um reporter fotográfico conviveu com os cangaceiros de Lampeão durante meses, seguindo depois para a Itália e voltando com muitas quinquilharias e jóias que foram vendidas para os cangaceiros. Durante o tempo de permanência junto ao grupo, fotografou e filmou os cangaceiros nas mais diversas situações, conseguindo um farto material que poderia ter sido bem aproveitado, para melhor compreensão da problemática do cangaço, se não tivesse sido assassinado por um Coronel.

calafrio medonho em todo o coração Nordestino, pelo ressurgimento do terrível monstro.

Daqui, das nossas paginas, também clamamos atenção dos poderes competentes, para tão grave necessidade.

Maldito “Lampião”, ave negra dos nossos sertões, famigerado corvo, que a tua “luz” offuscante se apague, para o brilho dos nossos dias, para a paz do nordeste e para o descanso da humanidade” (*sic*) (Jornal *Correio de Aracaju* 24 de julho de 1926).

Leve-se em conta o fato de que as notícias, vindas do sertão, eram fornecidas, provavelmente, pela camada dominante, que tinha acesso à vida urbana da metrópole.

É o que podemos observar neste fato relatado por um jornal de Pernambuco:

“*UM EPISÓDIO DA VIDA DE ANTONIO SILVINO*”.

Ontem pela manhã, entre as pessoas que estacionavam à porta do escritório comercial desta folha, ouvimos alguém do grupo narrar o seguinte episódio da vida acidentada do célebre criminoso.

Silvino não se sabe porque, era perseguido tenazmente pelo inspetor policial de Trapiá, logarejo de Taquaretinga, o qual toda vez que podia juntava diversos matutos e partia em perseguição ao terrível bandoleiro.

Cansado e enraivecido dessa perseguição Silvino jurou vingar-se.

Num domingo pela manhã, o famoso salteador deu entrada só em o referido lugarejo, dirigindo-se para a igreja onde se rezava u'a missa.

Entrando no Templo, Silvino, ouviu a missa e quando esta já ia no fim o inspetor divisou seu inimigo.

Reunidos seus filhos competentemente armados, botou-se em direção à Igreja, aonde já se encontrou Silvino na calçada. Sem dizer palavra atacou o bandido, descarregando por diversas vezes as armas.

Silvino fazendo uso do seu rifle, pôs em debandada o grupo, ficando somente em campo o velho inspetor que tendo foros de valente fêz frente ao terrível cangaceiro.

Após muito lutarem, Silvino vendo que não levava a vantagem, sacou de uma afiada faca de ponta e investiu contra o inspetor.

Salta aqui, salta acolá, o velho foi ferido e cambaleando caiu. Então o famoso bandido, por diversas vezes, embebeu a arma no corpo do inspetor.

Depois abrindo com a faca o pescoço do seu inimigo delle extraiu um pedaço do músculo, comendo avidamente.

Em seguida, calmamente, retirou-se.

Segundo declaração, o velho inspetor possuía orações cujos poderes passariam a outrem, se este comesse um pedaço do músculo do pescoço do dono das referidas orações.

Realmente é inacreditável que se cometa dessas barbaridades. A pessoa de quem ouvimos esta narrativa declarou te-la ouvido de um soldado da polícia que por ocasião do fato se achava em Trapiá”. (*Jornal do Recife* — quinta-feira — 3 de dezembro de 1914).

Muitas vezes um coronel procurava a imprensa para trazer mais “fatos deploráveis” do sertão ou, simplesmente, para se defender de qualquer acusação contra ele assacada, que pudesse envolve-lo, ou, de alguma forma, empanar-lhe o prestígio.

O coronel Petronillio Reis, por exemplo, necessitou usar desse expediente em 1928, quando o jornal *A Tarde*, de 8 de setembro, publicou esta notícia:

“Noticiamos, há dias, que o grupo do bandoleiro Lampeão, perseguido pelas forças Bahianas se refugiara na fazenda do Cel. Petronillio Reis (*sic*), Intendente Municipal de Santo Antonio da Glória. Correu até como certo que este havia dado guarida aos bandidos e, ao saber que um contingente da força pública deste Estado se aproximava de suas terras, pediu garantias contra a referida força”.

Parece, entretanto, que as cousas não se passaram assim.

Pelos menos, o Cel. Petronillio que está nesta cidade nos contou o seguinte:

“Sou o Sargento da Fôrça Pernambucana”.

Fomos encontrá-lo na sala de espera da Secretaria de Polícia. Ia falar com o Dr. Madureira de Pinho, pedimos-lhe, que nos adiantasse alguma particularidade sobre o seu hóspede-Lampeão.

— Pois não. Gostei que a imprensa me procurasse. Direi tudo por miúdo:

No dia 21 do mês passado, às 19 horas, achando-me no Arraial de Varzea da Ema, esperando o Ten. Abdias, vi que se aproximava um grupo de cavalleiros.

Pedi notícias do ten. Abdias. Um delles me respondeu que não sabia. Eram soldados da Fôrça Pernambucana.

Perguntei-lhes pelo comandante da escolta. O mesmo rapaz que falara commigo respondeu:

— Sou eu, o Sargento Affonso. Não tive mais dúvidas; mandei que apeiassem e cerquei-os de considerações, julgando que fôsse uma fôrça policial.

Depois de uma hora, mais ou menos,

#### *LAMPEÃO TIROU A MÁSCARA.*

Chamando-me a um canto retirado o que se dizia ser o sargento Affonso, declarou:

— Não sou da fôrça Pernambucana e sim Lampeão.

Fiquei surpreso. Ainda não voltara a mim e o faccinora me intimava a entregar 7 montadas, antes que a lua se recolhesse, pois queria ir ao Arraial do Bonfim. Viera somente ali para isso, e desejava que eu mandasse um guia com elle para trazer os animaes.

— Porque o cel. não prendeu o bandido — perguntamos.

— Era impossivel, meu amigo.

Não dispunha no momento de munição e o famigerado pegou-nos de surpresa.

Dei-lhe quatro montadas. Não tinha outro jeito...

Estavam satisfeitos. O cel. Petronillio ao despedir-se pediu-nos que declarasse que ia ao chefe de polícia mandar abrir um inquérito rigoroso sobre a ida de Lampeão à sua fazenda, pois o que se espalha pela cidade não passava de intrigas, puras intrigas de seus inimigos políticos" (2).

Os fatos chegavam ao grande público, impregnados de juízos de valor do homem encarregado de escrever a matéria, a par da preocupação sensacionalista, fator importante para a venda do jornal. A atividade "absurda" daqueles homens era o grande conteudo para qualquer notícia. Os cabeçalhos do noticiário são bem expressivos da preocupação sensacionalista da imprensa. Vejamos:

---

(2). — Segundo "Zé Sereno", o coronel Petronillo Reis foi sócio de Lampeão "em algumas terras", e tentou ludibria-lo e entrega-lo à polícia. Isso provocou revolta do cangaceiro, que mandou incendiar as fazendas e matar todo o seu gado.

**“QUE É DA CAMPANHA CONTRA O BANDITISMO DO NORDESTE?**

**O BANDO DE ARVOREDO COMMETTE NOVOS ASSASSINIOS À MARGEM DA ESTRADA DE FERRO”.**

(Jornal *A Tarde* — sexta-feira — 20 de abril de 1934).

**“ATERRORISANDO OS SERTÕES NORDESTINOS. O DESPLANTE DE LAMPEÃO: FOI PEDIR CAFÉ AO INTENDENTE DE POMBAL”!**

(Jornal *A Tarde* — Bahia, 21 de dezembro de 1928).

**“UMA NOVA AMEAÇA DO BANDIDO.**

**OU SUSPENDEM A CONSTRUÇÃO DA ESTRADA, OU SERÃO MUTILADOS ENGENHEIROS E OPERÁRIOS”!**

(Jornal *A Tarde* — Bahia, 27 de agosto de 1929).

**UMA PÁGINA DE BANDITISMO.**

**OS FACCINORAS DE ANTONIO SOUZA VESTIAM UNIFORMES DA POLÍCIA CEARENSE.**

As declarações de “Azulão” hontem, na polícia, reconstituindo o ataque a Jurema — os cadaveres dos dois evangelistas — com ferimentos horrorosos — os bandidos requisitavam cavallos, dizendo-se policiais em diligência — espancaram dezenas de victimas inermes — uma história em que apparece o Padre Cícero e um fazendeiro cearense e amigo desse sacerdote”.

(Jornal *A Tarde* — Bahia — 2a. feira — 4 de junho 1928).

**LAMPEÃO.**

**O ESFAIMADO CORVO DOS SERTÕES NORDESTINOS, AMEAÇA JOAZEIRO E PETROLINA”.**

(Jornal *Correio de Aracajú* — 4a. feira — 24 novembro 1926).

**“OS RIFLES ASSASSINOS DO CANGAÇO.**

**O BALANÇO DA ESCARAMUÇA: DOIS SOLDADOS MORTOS, UM TENENTE, UM SARGENTO E UM SOLDADO BALEADOS.**

**A VERSÃO CORRENTE É QUE LAMPEÃO ATACOU E DESTROÇOU O PEQUENO CONTINGENTE BAHIANO QUE CO-RAJOSAMENTE O PERSEGUIA”.**

(Jornal *A Tarde* — Bahia — 9 de janeiro de 1929).

**“O BANDITISMO AMEAÇADOR.**

**AZULÃO EM MUNDO NOVO E LAMPEÃO EM BARRO VERMELHO.**

**FÔRÇAS EM PERSEGUIÇÃO”.**

(Jornal *A Tarde* — Bahia — 2a. feira — 9 de outubro de 1933).

*“O PREÇO DE UM ASSALTO.*

*LAMPEÃO LEVOU DE OLIVEIRA, NO S. FRANCISCO, 60 CONTOS EM JOIAS, MOEDAS E DINHEIRO DE CONTADO, ARMAMENTO E EFFECTIVO DO GRUPO DE LAMPEÃO”.*

(Jornal *A Tarde* — Bahia — 24 de julho de 1933).

*“LAMPEÃO AMEAÇA A BAHIA?”*

(Jornal *Correio de Aracajú* — 27 de setembro de 1926).

*“O PHANTASMA DAS CAATINGAS “LAMPEÃO” REPOUSA — A “SERRA DO CHICO” É O SEU REFÚGIO — NÃO VEM MAIS, FELISMENTE, O REFÔRÇO QUE ELLE ESPERAVA — O CONTINGENTE DO CEL. BENTA E A CARREIRA DE “CORISCO” = QUANDO LIQUIDAREMOS VIRGOLINO?”*

(Jornal *A Tarde* — Bahia — 13 de novembro de 1929).

*“TERÃO O “VISTO” DA POLÍCIA AS NOTÍCIAS SÔBRE LAMPEÃO.*

*O CHEFE DE POLÍCIA DE SERGIPE QUER SABER QUEM DIVULGOU A FALSA NOTÍCIA DA MORTE DO BANDIDO”.*

(Jornal *A Tarde* — Bahia — 15 de janeiro de 1938).

*“ODISSEIA DE UM BANDIDO.*

*PRISÃO DE ANTONIO SILVINO.*

*O DESTEMIDO ALFERES THEOPHANES E SEUS COMPANHHEIROS DE ARMAS.*

Depois de uma tremenda luta para a caça e o extermínio da terrível fera humana depois de muitos baldados esforços nesse sentido, só agora um jovem alferes da polícia pernambucana de vinte e dois (22) anos de idade à frente de oito soldados de polícia conseguiu vencer podemos dizer heroicamente.

... Antonio Silvino tem o horrendo e pavoroso aspecto de uma hiena: olhar desconfiado, fitando as pessoas e as coisas com uma ausência de fixidez e uma penetração profunda e causticante.

(*Jornal do Recife* — quarta-feira, 2 de dezembro de 1914).

Os jornais se encarregavam de mostrar os cangaceiros não apenas como bandidos, mas como seres invulneráveis o que, se de um lado os ajudou diante da polícia, que os temia cada vez mais, os prejudicou no

relacionamento com os sertanejos, que se alarmavam a um simples boato da passagem de algum bando no povoado. A tal ponto que, até mesmo em áreas onde eles nunca atacavam (3), havia apreensão do povo diante da notícia de sua simples passagem.

*“O PAVOR DE LAMPEÃO. JOAZEIRO ASSUSTOU-SE COM A SOMBRA DO BANDIDO À TRABALHEIRA QUE DEU A POLÍCIA.*

Joazeiro a movimentada cidade Sanfranciscana, ao comêço do mez corrente viveu horas de sobressaltos, devido unicamente ao espalhafatoso e alarmente boato de que o bando de Lampeão sobre ella marchava.

Espiritos perversos incumbiram-se de dessiminar no seio da sua população o falso alarma, ora aumentando o número de componentes desse bando, ora dando-o como unido aos de Antonio Souza e Antonio de Engracia.

Taes exaggeros vieram repercutir em jornaes, que os noticiaram desvirtuando com lh'os transmittiram, criando uma versão que os factos posteriores vieram descintir”.

(Jornal *A Tarde* — Bahia, 4a. feira, 26 de junho de 1929).

*“LAMPEÃO ESTEVE A 15 MINUTOS DE BONFIM.*

O Arraial de Canôas viveu horas amargas — os “Caibras” jogavam cartas e extorquiam dinheiro — Bonfim alarmada ouviu repiques de sinos e trilos de locomotivas — os empregados da estrada de ferro e os rapazes do tiro de guerra se armaram — os destacamentos policiais prepararam-se tomando os principais pontos da cidade — Lampeão preferiu, porém, tomar novo e ignorado rumo”.

(Jornal *A Tarde* — Bahia, 2a. feira, 30 de setembro de 1930).

---

(3). — Nunca atacou o Ceará, por ser amigo do Padre Cícero e de Moreira da Rocha, presidente desse Estado.

O sacerdote tinha muita influência junto aos governadores. Protegendo os cangaceiros, provavelmente influiu para que as autoridades os tratassem bem.

Lampião por sua vez, respeitava os cearenses em cujo Estado estavam abrigadas suas irmãs, e era pela população respeitado.

O Jornal *Correio de Aracajú* de 13 de abril de 1928, diz:

O FERROZ DESEMBARGADOR MOREIRA DA ROCHA, PRESIDENTE DO CEARÁ, DEVE ANDAR ABORRECIDO COM O SILENCIO QUE SE VEM FAZENDO EM TÓRNO DO SEU EMULO EM FAÇANHAS...

O PRESIDENTE MOREIRINHA O TEM CERTAMENTE GUARDADO EM ALGUMA FAZZENDA DE SUA PROPRIEDADE À ESPERA DE QUE SE DESENROLEM OS ACONTECIMENTOS QUE SE ESPERAM EM BREVES DIAS NA CAPITAL CEARENSE”.

O grupo de Lampeão esteve em Capela (Sergipe), no dia 25 de novembro de 1929. Este fato foi noticiado, e bastante deturpado, pelo jornal *A Tarde*, da Bahia — 30 de novembro daquele ano.

*“A TRES HORAS, DE AUTOMÓVEL, DA CAPITAL SERGI-PANA! LAMPEÃO, COM DOIS CAIBRAS, COME E BEBE VAE AO CINEMA SEM SER MOLESTADO. O PAVOR DE CAPELLA.*

Os telegramas sobre o assalto de Capella pela bandido Lampeão e seus sequazes foram laconicos...

— Lampeão chegou em Capella as 8 horas da noite, tendo-se transportado em cavallos e caminhões com os seus caibras em número de oito. Havia, passado em Dores, onde extorquia quantias, sem contudo commeter attentados contra pessoas ou lares.

Em Capella foi logo ao telegrapho e fechando a estação e forçando o telegraphista a acompanhá-lo. Estava apenas com dois caibras, bem armados e municados. Tomada essa providência foi ao prefeito de quem exigiu vinte contos como contribuição da cidade...

Lampeão disse que iria fazer a digestão no cinema...

Do cinema foi ao café onde ficou bebendo até de madrugada quando reuniu os seus caibras que andavam espalhados pela cidade, comendo e bebendo e desapareceu”...

(Jornal *A Tarde* — Bahia, 30 de novembro de 1929).

Coube ao jornal *Diário de Notícias*, também da Bahia, publicar uma retificação, enviada e assinada por Humberto Dantas, de Sergipe:

“Aracajú, 29 — Argos — peço declarar que a notícia que *A Tarde* de 27 do corente (4), publicou sobre “Lampeão” em Capella, está exagerada. O Bandido apenas exigia dinheiro do povo, não fazendo felismente depredações e desrespeito às famílias, talvez porque foi logo perseguido pela policia enviada immediatamente pelo governo, o qual continua mandando fôrças ao encalço do grupo sinistro que se dirige rumo ao sertão Bahiano, para o lado da Serra Negra.

Também os bandidos não penetraram em casas particulares e commerciais. Abraços — Humberto Dantas”.

(Jornal *Diário de Notícias* — Bahia, 30 de novembro de 1929).

---

(4). — Não encontrei no jornal *A Tarde*, de 27 de novembro de 1929, qualquer informação sobre a ida de Lampeão à Capela. Encontrei, no entanto, uma reportagem do dia 30 de novembro de 1929. (M. C. R. M. M.).

Algumas vêzes, entretanto, jornais se reportavam a fatos ocorridos com os cangaceiros, através de correspondentes, ou por meio de depoimentos de sertanejos, chegados às capitais.

Observamos, nesses relatos, uma outra dimensão do problema, com o sertanejo salientando aspectos não enfocados pelo homem da metrópole. O contacto direto com o cangaceiro, e a observação presente do fato, lhes proporcionam maiores subsídios.

O jornal *O Serrinhense*, do sertão da Bahia, de domingo, 30 de dezembro de 1928, traz uma reportagem feita por um repórter sertanejo, quando da passagem de Lampeão por Tucano.

“LAMPEÃO FAZENDO UM RAID AUTOMOBILISTICO.

DECLARAÇÃO EM TUCANO.

— Que idade tem o Capitão?

— Tenho 28 anos de idade.

— Há quantos anos vive em luta?

— 14 anos (5).

— Quais os motivos que levaram o capitão a abraçar esta vida perigosa?

— Questões de família e, sobretudo, o assassinato de meu pai. Meu pai não sabia manejar uma arma.

Possuía um creatório regular e isso despertou a cobiça de um vizinho nosso, que não nos olhava com bons olhos. De uma feita quando meu pai reunia o gado, fora atacado traiçoeiramente, por esse visinho.

Assassinado meu pai, fui a companhia de um tio, a quem abandonei quando atingi a idade de 14 anos para executar meu plano de vingança e de então para cá, não deixei mais a vida do cangaço.

— Não deseja abandonar essa vida?

— Não. Salvo se encontrasse um homem que pudesse proteger-me, e neste caso, só devo confiar em Deus e na minha espingarda.

— É exato que o capitão está em condições de viver em independência se porventura quizesse transferir-se para um lugar longinquo onde ninguém o pudesse reconhecer?

— Não há lugar onde eu possa viver tranquilo, deixando minhas armas.

— Não é casado?

---

(5). — Lampeão nasceu em 1898, começou a lutar com 16 anos. Morreu em 1938 com 40 anos, tendo lutado 24 anos na caatinga. A prova da época do seu nascimento está no batistério expedido pelo padre... rubrica ilegível, (M. C. R. M.).

— Não.

— Não deseja casar-se?

— Não. E podia ser que me casasse se pudesse mudar de vida.

— É exato que o capitão não deseja maltratar o povo bahiano?

— Não desejo, nem mesmo a força que me persegue.

— Porque motivo retirou-se de Pernambuco?

— Eu lhe conto: Em Pernambuco, até as folhas das árvores são minhas inimigas. Lá, quando eu dormia ou descansava debaixo de uma árvore, trazia sempre uma bala na agulha da carabina, receiando que pudesse cair sobre a minha pessoa uma folha inimiga. Os soldados do major Theophanes, são todos inimigos meus que se alistam nos sertões pernambucanos e eu não quero que nenhum delles tenha a honra de matar ou ferir um cabra meu. Antonio Silvino foi um covarde, pois, vendo-se ferido, mandou chamar Theophanes para entregar-se. Eu não farei isso, prefiro morrerê.

Eu sei que esta vida não é lá muito boa; mas se tenho sofrido, em compensação, tenho gosado bastante. E o que é a vida? Sofrer e gosar (aqui, Lampeão conversou bastante, e não deixei ele reparar como ele definiu logicamente a vida).

— O senhor pode declarar pelo jornal que eu não sou protegido do dr. Antonio Gonsalves, conforme soube que já andam a propalar. É exato que pasando por uma fazenda dele e sendo bem tratado pelos vaqueiros, também os tratei bem, como aliás o tenho feito, e em todo lugar onde encontro bom acolhimento.

— O capitão não receia que uma força lhe ataque inesperadamente nesta vila?

— Qual nada, em Serrinha, o destacamento conta 9 praças e elas não virão até cá.

— Quando pretende deixar a Bahia?

— Não sei, estou descansando. Sou um homem do mato, e de uma feita, achando-me baleado, passei 6 dias nas caatingas, apenas bebendo água.

Uma onça chegou bem perto de mim, mas não quis devorar-me.

E dei por terminada a reportagem. Momentos depois Lampeão e os seus companheiros, installados em um caminhão que requisitavam rodavam pelas ruas da villa, entoando canções, despreocupados, felizes, inteiramente alheios aos comentários da população que pasmada assistia, a esse quadro inédito, como se fora um sonho irrealizável”.

(Tucano, 20 de dezembro de 1928).

*“LAMPEÃO EM CAPELLA.*

*INFORMAÇÕES INTERESSANTES COLHIDAS PELO CORRESPONDENTE DO “CORREIO”.*

*A ATITUDE DIGNA DO INTENDENTE ANTÃO CORRÊA. LAMPEÃO ACHA QUE A VIDA DO CANGAÇO É BEM DIVERTIDA — OUTRAS NOTAS.*

Às 19,40, à casa do coronel Antão Corrêa, intendente local, justamente quando este distincto cavalheiro acabava de jantar com sua família, apareceu, de automóvel, o sr. Octacilio Azevedo, negociante em Dores, vinha procurar o jovem prefeito para uma conferência. Tinha por fim lhe dar conhecimento de que Lampeão e o seu grupo em número de dez ao todo, exigiam a sua presença no lugar denominado Sobradinho, a entrada da cidade, onde todos se encontravam parados por ter furado uma camara do carro que conduzia o audacioso bando...

Antão Corrêa foi recebido por Lampeão que lhe disse desejar entrar na cidade sem outro intuito que o de angariar uns cobres, prometendo não cometer depredações...

Lampeão mandou Arvoredo tomar o telephone, de passagem, e rumou para o telegrapho. Correa fez-lhe ver aquela hora o telegraphista estava no cinema e não deviam ir à cidade na repartição, pois lá só se encontrava a família do respectivo funcionário, sr. Zozimo de Lima. As senhoras eram nervosas e podiam ter uma crise de consequencias desagradáveis.

— Tá direito, disse Lampeão, mulher é bicho danado para dar chique...

Estabelecida confiança do povo que entrou logo de sympathizar com Lampeão, que se mostrou sobremodo attencioso, delicado, palestrador incançavel, bem como os seus companheiros, começou a população em peso a cercar a horda temível...

Visitaram as casas dos ourives Alfredo Assis e Euclides Silva, onde fizeram compras de joias, pagando-as.

Foram depois ao estabelecimento commercial de Jackson Alves, adquirindo por 500\$000 uma gabardina e um revolver. As compras effectuadas eram pagas pelos preços estipulados, sem reluctancia por parte dos compradores.

Todo mundo queria ver, ouvir, dar dois dedos de prosa com o célebre campeador nordestino e era immediatamente attendido com satisfação.

Lampeão, depois das 23 horas, foi ao telephone intermunicipal para fallar directamente com o Dr. Chefe de Polícia, não se conseguindo, àquella hora, obter communicacão desejada, apezar da insistencia da respectiva funcionaria com as estações interme-

diárias, dormindo aquelas horas, pelo esforço da telefonista Lampeão gratificou-a com 50\$000.

As 3 horas da manhã, sempre acompanhado do povo, Lampeão tocou reunir, com um apito estridente.

Pouco a pouco foram chegando os companheiros dispersos. Feito isso, tomaram os automóveis e dirigiram-se ao povoado Pedras, onde se demoraram pouco tempo, seguindo rápido para Aquidaban, a cavallo, pois fizeram dalli seguir os autos para Dores. . .

Lampeão se bem que é inculto, não resta dúvida, um sujeito arguto e intelligentissimo.

Sejamos imparciais e justos — os nossos ultimos e indesejáveis visitantes, pelo trato ameno, pela atenção e cordialidade, deixaram boa impressão ao público”.

(Jornal *Correio de Aracajú* — sexta-feira — 29 de novembro de 1929).

Muitas vezes a população se queixava dos maus tratos da polícia, que, à procura dos cangaceiros, torturava, aleijava, e até matava o sertanejo, sob pretexto de que era coiteiro.

Nem sempre isso chegava aos jornais.

O indivíduo sofria calado, ou pegava em armas para se vingar.

Mas, não foi o caso de um indivíduo de nome João de Queiroz Mendes, que resolveu chegar até a Capital da Bahia para denunciar o fato ao jornal *A Tarde*.

*“NAS MATTAS DE RIO NOVO  
UM ROCEIRO MUTILADO A FACÃO  
VEIO A CAPITAL, PEDIR JUSTIÇA.*

. . . O que se passou com esse pobre homem, a quem cortaram os dedos de uma das mãos, e golpearam o outro braço, é um crime de selvagens que clama por justo castigo. Revoltou ao próprio sr. Madureira de Pinho que não consente taes actos fiquem impunidos.

João de Queiroz Mendes, roceiro, morava em Agua Preta, districto de Ilhéus e tendo transferido residencia para o lugar denominado “Commissão”, que fica entre a futura Vila de Rio Nove e Dois Irmãos viu-se, de um dia para outro, intimado a ir à presença de Eugenio Aderne, numa dessas localidades, intimação que lhe foi feita pelos inspectores de nomes Manuel Elias, Eusebio de Tal e um terceiro.

O infeliz atendeu — caísse elle na asneira de recusar! e partiu.

O meio do caminho em ponto deserto, os três inspectores revelaram quaes eram as suas verdadeiras intenções.

Tinham ordem de surra-lo. E desempenharam a contento a barbara delegação cortando-lhe tres dedos da mão direita a facção e inutilizando com dois profundos golpes o braço esquerdo do pobre homem. A victima ficou no chão, numa poça de sangue”... (6).

(Jornal *A Tarde* — Bahia, 2 de abril de 1929).

O depoimento do vaqueiro Joaquim de Almeida França também mostra como agiam as forças policiaes no sertão do Nordeste.

“... Moro na “Fazenda Gangorra”, aqui do patrão. Estava na cacimba, quando chegou gente da minha família, dizendo que a casa estava cheia de bandidos.

Parti logo para lá. Era a força do Com. Manoel Netto, de Pernambuco.

Estes moços se confundem muito com os bandidos. Trajam-se iguaes. O sr. Manoel Netto, comandante da escolta, ao me ver approximar, gritou logo:

— Entregue-se bandido. E todos elles como uma nuvem de mosquitos caíram sobre mim espancando-me a valer.

A custo consegui perguntar:

— Porque soffro?

— Quero que nos mostre Lampeão — disse o comm. Netto.

— Já — respondi.

As costas me ardiam bastante, moço. Vou mostra-lhe o meu estado. E o vaqueiro abrindo um parenthesis na sua narração tirou a camisa e mostrou-nos as costas. Fazia dó! Toda vergastada.

— E quê você fez? — perguntamos.

— Levei a força até Bomfim onde estava Lampeão. Elles ahi travaram um pequeno tiroteio, tiroteio camarada, que pouco durou tendo Lampeão, ao terminar, abandonado o logar xingando bastante a força e o commandante Netto.

Voltei para a cacimba...”.

(Jornal *A Tarde* — Bahia, 8 de setembro de 1928).

A figura do cangaceiro poderia impor respeito, provocar admiração, ensejar curiosidade, ou despertar até bondade. O medo, contudo, era uma constante para o sertanejo, ou para o homem da cidade.

---

(6). — O relator denunciou os policiaes Eugênio Aderne, e o delegado Tenente Arsênio.

Esse tenente perseguiu cangaceiros, não lhes dando folga, segundo depoimentos de Dadá e Zé Sereno.

E os jornais tinham a maior parcela de responsabilidade na formação desta imagem.

Já vimos que, de um modo geral, o homem das grandes cidades salientou sempre a figura do cangaceiro como criminoso; já observamos, outrossim, a tendência do sertanejo em enaltece-lo como homem justo, e amigo dos pobres.

A par destes dois aspectos, vale a pena considerar uma preocupação que era comum a todos aqueles que descreviam as atividades dos cangaceiros, em especial de Lampeão: salientavam com força de expressão as façanhas registradas no dia-a-dia do cangaço. Uma pequena emboscada era decantada com pormenores que, só uma imaginação engenhosa, poderia construir; uma fuga sem importância poderia ser transformada em um furada de cerco sensacional. Isso contribuiu, essencialmente, para tornar Lampeão um ser invulnerável, durante 24 anos, ampliando consideravelmente seus horizontes de ação.

Os jornais davam ênfase às proezas, ou aos fatos curiosos da vida do cangaço.

“O bando de Lampeão está dividido em 4 grupos. Um delles atravessa o São Francisco e invade o Estado de Alagoas o compromisso tomado por fazendeiros numa reunião, realizada na cidade de Bomfim”.

(*A Tarde* — Bahia, 11 de outubro de 1933).

“NUMA EMBOSCADA DE LAMPEÃO AS FORÇAS PERDEM DOIS SOLDADOS”.

(*A Tarde* — Bahia, 6 de outubro de 1933).

“LAMPEÃO NUMA EMBOSCADA MATA DOIS POLICIAES”.

(*A Tarde* — Bahia, 8 de setembro de 1931).

“COMO LAMPEÃO OBTEVE A PATENTE DE CAPITÃO”.

(*A Tarde* — Bahia, 15 de julho de 1931).

“EU MATO TUDO É NA PRACATA”.

(*A Tarde* — Bahia, 2 de janeiro de 1929).

Convem mencionar, aqui, trechos de uma reportagem transcrita pelo Correio de Aracajú, de um jornal sertanejo:

“Um jornal da localidade de São Paulo, na região da Serra Redonda, em pleno sertão entrevistou o suplente de juiz de Carira sobre as façanhas do temido salteador, obtendo as seguintes informações:

— Mais ou menos 5 horas da tarde, de hontem, dava entrada no povoado, Lampeão e sua cabroeira.

Antes de entrar, no cemitério, elle escreveu um bilhete ao delegado Filismino Dionysio, pedindo licença para entrar. Antes, porém, que o delegado desse qualquer resposta, elle entrou desmontando-se com os companheiros na casa do referido delegado, onde se hospedaram. Depois de dar ordens para uma janta e café, seguiu para o commércio.

— E os soldados? — perguntamos.

— Os soldados receberam o bilhete e estavam se preparando quando viram que Lampeão já estava na rua, e assim não convinha ataca-lo. Quatro fugiram apavorados e dois ficaram guardando o quartel.

Lampeão entrou numa bodega e começou a tomar cerveja, e quando soube que dos seis soldados do destacamento, só dois haviam ficado em seu posto, elle os premiou com duas garrafas de bebida e um maço de charutos.

Mais tarde, quando visitou o quartel, Lampeão elogiou pessoalmente as duas praças, dizendo que ellas honravam a polícia sergipana, pois não correram...

— Fez algumas depredações em Carira?

— Não senhor. Não fez nada de mal a ninguém. Disse que ninguém receiasse, pois só bulia com quem bulisse primeiro com elle.

— Andam bem armados?

— Andam, e têm grande quantidade de munições e bem montados a burros, todos.

— O povo correu?

— Não senhor. Ninguém correu, o povo em geral foi ver Lampeão e o acompanhava em romaria para todo local que elle se dirigia”.

A reacção da imprensa cidadina desfigurava a imagem dos cangaceiros, pelo que pudemos observar através de seus relatos, a respeito das ações dos fora-da-lei.

É uma diferenciação que se estabelece entre as zonas rural e urbana, porque as comunidades cidadinas não podiam captar de perto o comportamento dos cangaceiros. A figura desses “bandoleiros” vinha por via de terceiros, particularmente a imprensa.

Da mesma forma, no tocante à justiça, estabelecia-se igual contraste, entre a realidade objetiva, e os fatos imputados aos indiciados nos vários processos. Cabe acentuar que o judiciário estava instalado, nos agrupamentos urbanos, o mais das vezes bem distantes de onde operavam os cangaceiros. Dai parecerem bastante aleatórios os processos policiaes, e os julgamentos instaurados a respeito.

Pode parecer estranhavel, contudo, que dos vários processo examinados, em que figuram cangaceiros, apenas um indiciado reconhecido foi condenado e, ao nosso ver, por força do terror de represália, por parte dos cangaceiros, àqueles que os condenassem.

Acresce que, segundo foi dado constatar, era impossivel, à justiça, arrolar testemunhas oculares, o que vem robustecer nossa assertiva, quanto ao temor do castigo que poderia advir, aos que se prestassem contra os cangaceiros.

*(Continua).*